

Os credores, muito preocupados.

O Brasil "é a situação mais difícil que enfrentamos neste momento", admitiu o vice-presidente do Citibank e presidente de vários comitês de renegociação da dívida latino-americana, William Rhodes, ao participar, na manhã de ontem, em Nova York, da conferência sobre a estratégia global da dívida, organizada pela revista **Euro Money**.

Rhodes também disse que os bancos estão dispostos a conceder novos empréstimos aos países que se auto-ajudam, adotando programas de ajustamento estrutural, numa linha muito próxima à do discurso feito um pouco antes, em Genebra, pelo diretor-executivo do FMI, Michel Camdessus.

O Brasil, analisado por William Rhodes, tinha conseguido reduzir a inflação a quase zero, com o primeiro Plano Cruzado. "Mas agora, a inflação se aproxima dos mil por cento ao ano. E fora isso, as reservas brasileiras caíram a uns US\$ 3 bilhões." Ele lembrou a suspensão do pagamento dos juros da dívida e as medidas para o congelamento dos créditos interbancários e comerciais, revelando-se otimista diante do Novo Cruzado.

"O Brasil mostrou sua capacidade de promover rápidas mudanças econômicas, notavelmente em 1983 e 84", acrescentando que a nova equipe econômica está agora completando seu programa que já rendeu um aumento no saldo positivo da balança comercial.

William Rhodes dedicou uma ênfase especial à presença das delegações do FMI e do Banco Mundial no Brasil. E concluiu suas referências à "difícil situação brasileira" afirmando que a equipe de Bresser Pereira "manifestou a decisão de reabrir negociações sérias e de reunir-se com os bancos credores em fins de julho".

As negociações com o Brasil, para Rhodes, devem incluir um menu de opções, como aconteceu com o acordo alcançado com

a Argentina, apoiado até ontem por 96% dos bancos credores integrantes do pacote.

O vice-presidente do Citibank não escreveria a nota fúnebre do Plano Baker, ainda. "Seria prematuro", disse. O plano, que envolveria a injeção de US\$ 20 bilhões a 15 países latino-americanos, em três anos, numa abordagem de caso por caso, deveria ir sendo modificado na medida em que mudam as condições no mundo — ele sugeriu.

Os bancos comerciais "têm sido acusados de não emprestar mais dinheiro. Isto não é verdade. México, Argentina e Nigéria pediram, e os bancos responderam. US\$ 7.7 bilhões foram concedidos ao México. A Nigéria recebeu também seus empréstimos. E o pacote argentino encontra-se agora numa fase de finalização, com US\$ 1,95 bilhão em novos créditos. Estes programas indicam que os bancos se dispõem a conceder novos empréstimos para ajudar os países que estão ajudando a si próprios, com ajustamentos estruturais. Acho que a Argentina merece o apoio de seus credores ao alcançar um progresso econômico considerável, devido, em grande parte, à coragem política do presidente Raul Alfonsín.

O vice-presidente do Citibank e presidente do comitê de bancos credores do Brasil, William Rhodes, não concordou com a proposta do "guru de Wall Street", Henry Kaufman, economista chefe da Salomon Brothers Inc., que anteontem sugeriu, na mesma conferência sobre a estratégia global da dívida, em Nova York, um perdão para uma boa parte dos US\$ 300 bilhões de dólares da dívida latino-americana. Isto só reduziria os fluxos de capital dos países endividados, ele explicou. E acabaria com os incentivos para as reformas estruturais necessárias.

Moisés Rabinovici, de Washington